

SUICÍDIO: A DOR DA EXISTÊNCIA¹

Daniela Lídia Vieira Reis²
Josiana Paula Gomes do Nascimento Simões³

RESUMO: O suicídio é definido como o ato de tirar a própria vida. Vários são os motivos que levam um sujeito a decidir pela morte e não pela continuidade de sua vida. Sob o título “Suicídio: a dor da existência” este artigo se propõe, a partir de uma revisão das vertentes da Psicanálise, a examinar a articulação entre a angústia vivenciada pelo sujeito diante de uma perda objetal e o suicídio. A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica exploratória com uma abordagem qualitativa, a partir do levantamento de referências teóricas publicadas em livros e artigos sobre os temas abordados. Através de um passeio pelas reflexões freudianas, o leitor terá a oportunidade de perceber as circunstâncias da construção do conceito de pulsão de morte associada à evolução da teoria das pulsões onde somadas deixam o ego⁴ fragilizado e vulnerável. Observou-se que a perda das relações objetais, predispõe o sujeito ao suicídio.

Palavras – chave: Psicanálise. Pulsões. Angústia. Perda. Suicídio.

INTRODUÇÃO

Este artigo centra-se na tentativa de compreender o que acontece no aparelho psíquico do sujeito suicida diante de sua angústia após a perda de um objeto amado. O tema sobre o suicídio mostra-se bastante proeminente no contexto atual e a forma como cada sujeito vivencia o suicídio é distinta.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) o suicídio é um problema de saúde pública, pois está entre as dez causas mais frequentes de morte em todas as faixas etárias, além de ser a segunda causa de morte entre 15 e 34 anos de idade. Estima-se ainda que a cada 35 segundos uma pessoa cometa suicídio no mundo. Para sujeitos que já tentaram se matar o risco de suicídio é aumentado de 20 a 30 vezes mais. O suicídio também é considerado uma questão de saúde pública, pois a cada suicídio consumado, ao menos seis pessoas próximas ao falecido terão suas vidas profundamente afetadas sócio, econômica e emocionalmente (OPAS, 2006).

¹ Artigo elaborado como requisito avaliativo para o Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia.

² Discente do décimo período do curso de Psicologia da Faculdade de Pimenta Bueno – FAP.

³ Mestre, orientadora e docente do curso Psicologia da Faculdade de Pimenta Bueno – FAP.

⁴ No artigo utilizaremos as terminologias Ego e Eu como sinônimos para se adequarem ao contexto utilizado.

No Brasil a taxa geral de suicídio é avaliada como abaixo da média pela OMS, onde alguns estados brasileiros têm tido suas taxas comparáveis aos países

apontados como de frequência de média a alta. De acordo com estimativas da OMS em termos globais, a mortalidade por suicídio aumentou em 60% nos últimos 45 anos. As tentativas de suicídio registradas oficialmente são mais escassas e menos confiáveis do que os de suicídio. Estima-se ainda que o número de tentativas seja superior ao número de suicídios em pelo menos dez vezes (OMS, 2015).

Baseado nesses dados é necessário intensificar os estudos referentes ao suicídio, por isso, o presente estudo vai tratar da dor da existência do sujeito, que diante de uma perda, vê na morte a fuga para sua angústia. O suicídio deve ser percebido e compreendido como uma forma de fuga a um sofrimento intenso e insuportável. O sujeito é corrompido por uma grande angústia que o destrói. Padecendo de tal angústia, passa a ver a morte como a única saída para o descanso, aliviando a dor de sua existência. Essa aflição na maioria das vezes é interna, vinda da mente do sujeito, construída por diversos fatores.

A realidade da vida, os sentimentos de abandono, solidão, angústia, provocam um desespero da existência humana a milhares de pessoas. Essa vida se torna tão insuportável que o sujeito acaba buscando na morte a única alternativa à “vida”, não apenas pelo desejo de morrer. O que um suicida deseja, não é a morte, porque nem ele mesmo sabe o que seria a morte, o que deseja é a fuga para seu sofrimento (Cassorla, 1991).

A dor da existência se torna tão crucial diante de uma perda, que o sujeito tem pressa em exterminá-la. E é quando desprovido de auto-estima e com um ego fragilizado, vê na morte a melhor solução para sua dor. Por isso, a finalidade do presente estudo é examinar a articulação entre a angústia vivenciada pelo sujeito diante de uma perda objetual e o suicídio.

Será apresentado neste trabalho o conceito de suicídio numa visão histórica, etimológica e psicanalítica; quais são os principais fatores que influenciam ao ato; como agem as pulsões no processo de angústia desse aparelho psíquico; explicitar o processo de luto e melancolia na perda das relações objetuais no suicida e o que causa a existência desse sujeito tornar-se tão insuportável e porque o sujeito busca a morte para o alívio de sua dor.

A metodologia utilizada neste trabalho será de cunho qualitativo e a pesquisa bibliográfica exploratória a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas em livros e artigos sobre os temas abordados.

A articulação teórica sobre o suicídio e suas causas sustenta-se principalmente em textos psicanalíticos. A ligação entre a angústia e o suicídio será descrito após uma retomada de conceitos que auxiliam na concepção de cada um segundo a ótica psicanalítica. Compete citar que não será esgotada a questão acerca dessa junção, mas sim, oferecida uma perspectiva para se refletir sobre.

1 SUICÍDIO

De acordo com a história, a palavra suicídio surgiu no século XVII e foi no auge do iluminismo, a partir de 1734, que ela passou a ser mais utilizada. Anteriormente a essa época, os termos usados para denominar as mortes auto-inflingidas eram: auto-assassinato, auto-homicídio, auto-destruição e morte voluntária (PALHARES & BAHLS, 2003).

A palavra suicídio deriva do latim *sui caedere*, termo instituído por Desfontaines, matar-se, é um ato que tem por objetivo em pôr fim intencionalmente à própria vida. Etimologicamente significa uma morte intencional, auto-inflingida, ou seja, *sui*= si mesmo e *caedes*= ação de matar (SHIKIDA; GAZZI & ARAUJO, 2006).

O filósofo e pai da sociologia, Emile Durkheim, foi um dos primeiros estudiosos que procurou estabelecer padrões para taxas de suicídio em sua época. Em 1897 ele publicou "*Lê Suicide*", obra na qual avaliava a ocorrência dos suicídios no século retrasado. A filosofia iluminista foi o que mais influenciou para a construção de seu pensamento, pois sua principal crença é de que a humanidade avança em direção ao aperfeiçoamento ditado por forças muito importantes. Para ele, a sociedade é composta pela junção de sujeitos que fazem parte dela, conseqüentemente pelos seus diversos fenômenos que têm origem desse agrupamento, influência mútua e inter-relacionamentos do tempo contemporâneo e também estabelecido pelas gerações passadas (SHIKIDA; GAZZI & ARAUJO, 2006).

Embora tenha sido abolida no século XVII, na Índia, a prática das viúvas serem enterradas junto com o morto a fim de fazerem companhia a ele em outra vida, desde os anos 40 foram registrados ainda 25 casos de mulheres que cometeram o suicídio e foram conseqüentemente enterradas junto com os maridos. Em outras culturas, onde o casamento poligâmico era lícito, quando o marido morria a esposa preferida

era enterrada e, em algumas ocasiões, ocorria a disputa entre as esposas (CASSORLA, 1991).

Enquanto questão política, o suicídio foi tratado de diversas formas pelo Estado. Na antiga Grécia, quem cometia suicídio era politicamente e juridicamente condenado, onde eram proibidas as honras da sepultura e suas mãos eram sepultadas separadas uma da outra. Esse ritual acontecia, pois a mão era considerada assassina e o ato de separá-las tinha o intuito de que o sujeito não pudesse cometer outros atos proibidos. Em Roma o sujeito precisaria expor ao Senado os seus motivos para o desejo de morrer. O suicídio do senhor, era visto de forma diferente, por ser considerado um homem livre e responsável por suas ações (KALINA & KOVADLOFF, 1983).

Kovács (1992) cita que na contemporaneidade não existem mais punição impostas pelo Estado, sendo que o principal fator, no Ocidente, de suicídios, deve-se à solidão e ao sentimento de irrelevância social.

O suicídio é interpretado também como uma interferência do homem no seu próprio tempo de vida, ou seja, existe a impossibilidade do sujeito encontrar diferentes alternativas para resolução de seus conflitos, contudo acaba optando facilmente pela morte, ela é definida como uma morte auto-inflingida provocada de modo intencional e, normalmente, representa uma atitude complexa. Assim, do mesmo modo que o homem não é capaz de criar a vida “do nada”, a maioria das pessoas defendem a idéia de que o homem não poderia dar fim a sua própria vida, como se esta nada fosse (KOVÁCS, 1992).

Conforme Durkheim (2000) o suicídio é reconhecido em todo caso de morte que procede de forma direta ou indiretamente de um ato realizado pela própria vítima, onde ela teria ciência que causaria tal resultado.

Para Dias (1991), o suicídio é percebido como uma agressão determinada que o sujeito pratica contra si próprio com a finalidade de pôr um fim a sua vida. São considerados comportamentos suicidas, além do ato propriamente dito, as ideações suicidas, os planos e pensamentos, como também as tentativas de suicídio.

Justus (2003) traz uma reflexão de que a psicanálise descreve a morte como um parto ao contrário, onde se anseia o reencontro com a mãe objetual, em uma espécie de útero. Ele procura uma figura protetora, onde visa basicamente o princípio de prazer. Dias (1991) ainda clarifica a idéia de que o ato suicida como um *acting-out*

ou atuação, como é apontado pela psicanálise, ou seja, a expressão das substâncias psíquicas através de ações.

Segundo Macedo

O suicídio é uma agressão ao exterior, e que secundariamente se volta contra o ego. Onde matando-se, o sujeito consegue anular psicologicamente a perda do objeto, vingando-se do ambiente, onde provoca sofrimento aos outros. E que a partir de experiências clínicas, pôde-se observar que frequentemente o suicídio destina-se a destruir a vida dos sobreviventes, onde vêem o suicídio como a única forma de vingança satisfatória contra os pais, amigos ou qualquer ente querido. Este ato gera extremo sofrimento às pessoas que o cercam, devido passarem a sentir-se culpados e responsáveis por de alguma maneira terem permitido, ou não evitado o ato (MACEDO, 2007, p. 98).

Muitos autores afirmam que o sujeito suicida, comete o ato com o propósito de se vingar de pessoas que convivem ao seu redor e que para ele de alguma forma direta ou indireta o rejeitaram, ou o fizeram sofrer. No entanto, o problema é complexo para qual não existe uma única causa ou uma única razão, resultando de uma interação de diversos fatores.

2 FATORES QUE INFLUENCIAM AO SUICÍDIO

Pode ser compreendido o ato suicídio, como um evento que ocorre em consequência de diferentes fatores aglomerados no decorrer da vida do sujeito, não existindo uma única causa para que este ocorra, podendo estar pautado desde fatores biológicos até ambientais, psicológicos, culturais, genéticos e sociais.

É comum na sociedade, culpar unicamente o sujeito que atentou contra sua vida ou que de fato cometeu o suicídio, pautando-se de que todos são responsáveis pelas suas escolhas. Repensar isso é ir em busca de uma nova compreensão de quem procura no suicídio o fim de sua angústia.

A sociedade impõe de certa forma culpa no suicídio devido à estigmatização social contra pessoas com conflitos sexuais, cobranças excessivas, perdas grandes de *status*, parentes e amigos são alguns dos motivos pelos quais as pessoas cometem suicídio. Existem também os fatores econômicos que contribuem para a piora da saúde mental individual e que podem culminar em suicídio, alguns deles são o desemprego, piora da expectativa de vida, etc (SHIKIDA; GAZZI & ARAUJO, 2006, p. 98).

Para Shikida; Gazzi & Araujo (2006) muitos são os fatores de risco para o suicídio, mas dentre eles destacam-se a saúde mental (desordens de humor, como a depressão), dependência química, histórico familiar de suicídio, perdas, como de relacionamentos, saúde, eventos de estresse elevado, como abuso sexual, instabilidade familiar, mudanças sociais etc., fácil acesso a práticas letais como armas de fogo e venenos, exposição ao suicídio (familiares ou amigos), problemas legais e jurídicos e conflito de identidade sexual.

Assim, o que é visto como última causa do suicídio cometido pode ser a acumulação de todos esses fatores. É possível dizer que o suicida busca na morte uma fuga para sua angústia que, para ele, está insuportável e pode também estar ligado ao medo de enlouquecer, de não conseguir formalizar seus objetivos, somando à angústia, uma desesperança, uma tristeza desmedida, uma melancolia, onde não vê mais nada que faça valer à pena viver (SILVA & BOEMER, 2004).

A morte, assim se configura como a solução para resolver todo esse sofrimento, não necessariamente porque se deseje a morte, pois não a conhece, mas porque a vida perde seu gozo (KOVÁCS 2007).

Para Cassorla (1991), o suicida está procurando a fuga de uma situação de sofrimento que para ele está insustentável. Não existe um único motivo isolado para o comportamento suicida, ou seja, a partir da soma de uma série de fatores que podem acumular durante a história do sujeito até a situação em que ele se encontra no presente é que pode resultar o suicídio.

Durkheim (2000) apresenta que por meio de verificações judiciais, como boletim de ocorrência e laudo cadavérico, métodos que devem ocorrer sempre que é cometido um suicídio, é registrado o motivo que “aparentemente”, foi a causa determinante. Entre elas podem constar dor física, desgosto na família, culpa, alcoolismo, entre outros. Nesses relatórios, são feitos quadros especiais onde os resultados dos levantamentos estão descritos com o título: Motivos presumíveis dos suicídios.

Contudo, Durkheim ainda expõe que as razões coletadas nesses levantamentos, em sua maioria são apenas as causas aparentes, portanto, traduzem de maneira muito infiel, muitas vezes, enfatizando os pontos fracos do sujeito, sendo

a situação completamente diferente do que é coletado, assim, dificultando ainda mais a interpretação.

Outra forma que deve ser analisada, mas que dificulta a avaliação e sempre está presente em todo ato suicida, abrange os suicídios inconscientes, envolvendo diferentes manifestações que contêm desde a toxicomania até doenças em geral (CASSORLA, 1991).

3 A PULSÃO NO SUICÍDIO

Partindo dos pressupostos da psicanálise, o ato suicida é visto em parte, como um episódio no qual a pulsão de morte impera em relação à pulsão de vida, havendo uma constante “guerra” entre a vida e a morte, onde a última acaba ganhando. Freud (1920) esquematiza que é indispensável que exista uma estabilização entre as duas pulsões, onde a pulsão de morte estaria conectada a serviço da vida, atuando em um movimento equivalente.

Freud (1919) descreve o conceito da Pulsão de Morte de uma forma complexa, pois este não está inteiramente, ou nada relacionado ao desenvolvimento biológico, adaptativo ou natural do ser humano. Para o autor, o ser humano vai muito além de corpo biológico, ele é um ser pulsante que carrega em seu corpo uma carga de desejos inconscientes. Assim, a pulsão “nos aparecerá como conceito-limite entre o psíquico e o somático” (FREUD, 1915, p. 214) e o sujeito entre os princípios do prazer e o da realidade, e entre eles a pulsão de morte.

Freud (1916) presume a existência de apenas duas pulsões básicas: *Eros* como sendo a pulsão para a vida, e a pulsão destrutiva, *Thanatos*. Na mitologia grega localizam-se duas figuras mitológicas que representam os dois princípios vitais do funcionamento psíquico: *Eros*, o deus grego do amor, e *Thanatos*, deus da personificação da morte. São estes os princípios que melhores se entrelaçam para explicar a dinâmica do psiquismo humano. A partir desses pressupostos, Freud inaugurou dois conceitos fundamentais da Psicanálise que seria a pulsão de vida e pulsão de morte. A dinâmica do aparelho psíquico se daria a partir do conflito e a pulsação entre essas duas pulsões básicas.

A pulsão de vida é a fonte de todo crescimento que dá ordem a vida e está a serviço da vida e do princípio do prazer, embora esta não evite que a morte aconteça. O objetivo da pulsão de vida não é evitar a morte que ocorra, mas, evitar que aconteça

de forma não natural. O objetivo da pulsão de vida “é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las, ou seja, reuni-las” (FREUD, 1930, p. 75). A pulsão de morte por sua vez, desorganiza e destrói, passa pelo gozo da repetição, se tornando uma compulsão, coerção, necessidade, violência e força. O objetivo da pulsão de morte é para Freud “desfazer conexões e assim, destruir coisas” (FREUD, 1938, p. 88).

Contudo, a pulsão não trabalha em prol da necessidade fisiológica, desnaturalizando o que chamamos de instinto, mas trabalha para o desejo. Com isso, o alvo da pulsão é sempre a satisfação, que nunca será completamente atingida, e por isso, se re-atualiza. Cada sujeito elege a partir de suas demandas inconscientes seu objetivo singular de satisfação. Este é oferecido pela fantasia, o que resulta na submissão da pulsão à articulação significativa.

Uma coisa é sugerir que a meta da pulsão de morte seja o ensejo pulsional total sem nenhuma estima para com o objeto e para com o conveniente ego, em vista de seu movimento cego autodestrutivo; outra coisa muito diferente é essa identificação, que se vê em Freud, da pulsão de morte a uma tendência natural à pura destruição, ou a um regressar de tipo cosmológico ao inorgânico, que passa a existir com o começo da vida e que categoricamente diminui o ser psíquico a um puro ser da natureza (FREUD, 1916).

O ser humano não é um ser manso, amável, no máximo capaz de defender-se se for atacado, mas é lícito atribuir à sua dotação pulsional uma boa dose de agressividade. Em consequência disso, o próximo não é apenas um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão, para usá-lo sexualmente sem seu consentimento, para despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo (FREUD, 1930, p. 108).

A forma como foi pensada o tema da pulsão de morte nesse importante texto entusiasmou parte dos psicanalistas que se entregaram à tarefa de teorizar sobre as suas sugestões daí em diante. Entretanto, cada observação de Freud, obtida em sua pesquisa pioneira no assunto, auxiliou de modo individual como ponto de partida para as próximas formulações acerca do conceito, gerando grandes espaços entre as argumentações.

Segundo Quevedo; Shmitt; Kapczinski & Cols (2008), em aspectos gerais permanece no sujeito com ideação suicida a associação entre o desejo de morrer e

sentimentos como raiva, ódio e humilhação direcionados contra algum objeto simbólico significativo na vida do mesmo.

Para Lowen (1986) o suicídio não é exclusivamente um desejo de morrer, mas sim uma vontade de morrer, então afirma:

(...) desejos, sensações e sentimentos fazem parte do ser; ações pertencem ao fazer. No suicídio, a pessoa executa uma ação destrutiva contra o si-mesmo e contra os outros. Este ato deriva, em grande parte, de raiva reprimida que é dirigida contra o si-mesmo para magoar outras pessoas. “Vocês ficarão sentidos quando eu estiver morto”. O suicídio representa a rejeição do próprio ser (LOWEN, 1986, p. 109).

Nesse sentido, o ato revela-se como uma forma de autopunição, um desejo de matar o outro que se vira contra o próprio sujeito, ou seja, matar-se para não matar o outro. Logo, o ato se torna a consequência não de uma estrutura neurótica ou psicótica, mas de uma melancolia.

4 Do mundo externo ao Eu

Tendo em vista as proposições de Freud referentes ao suicídio na melancolia, em *Luto e melancolia* (1917) se reconhece uma perda de natureza mais ideal que não se pode perceber conscientemente, esta perda está relacionada com algo inconsciente. Por sua vez, no luto o eu encontra-se submergido em um processo de trabalho, mas não há relação com uma perda desconhecida. Freud aponta que “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio eu” (FREUD, 1917, p.278).

Sendo o eu desvalorizado e entregue a punição existirá um desapego à vida. No entanto, Freud afirma que isto é “secundário; trata-se do efeito do trabalho interno que lhe consome o eu – trabalho que, nos sendo desconhecido, é, porém, comparável ao do luto” (FREUD, 1917 p.280).

Nessa questão a relação com o trabalho do luto é reforçada, pois existe uma perda conexa a um objeto, todavia, a melancolia aponta para uma perda conexa ao eu. Entende-se que na melancolia o sujeito apresenta uma perda relativa ao eu, porém o caráter objetal que a especifica aponta essa perda daquela acontecida no luto.

Freud descreve que na melancolia as auto-recriminações são recriminações destinadas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o eu. A

remoção dessas incriminações do objeto amado e transferidas para o eu é a base primordial na reflexão psicanalítica acerca da melancolia e para a edificação de considerações sobre o suicídio. Existe uma assimilação do eu com o objeto perdido. Assim, a “sombra do objeto caiu sobre o eu, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial” (FREUD, 1917 p.280). Constitui-se uma identificação do eu com o objeto que fora perdido, a partir de então é condenado como se fosse o objeto perdido, a perda deste objeto resultou em uma perda do eu.

Por isso argumenta-se que toda perda pressupõe o luto, que é essa dor originada pela falta do objeto amado, que se configurando num “processo que visa retirar a energia fixada no objeto perdido e redirecionada para outro objeto” (FREUD, 1917, p. 177), nesse caso, o próprio eu.

Conforme Freud nos traz, se o amor pelo objeto se abriga na identificação narcisista, o ódio também é direcionado a esse objeto substitutivo (eu) atacando-o de forma opressiva e cruel, buscando seu sofrimento. A catexia, acalcanhada narcisicamente, quando rescindida com o objeto original, sofre uma dupla vicissitude, ou seja, uma parte volta-se à identificação narcísica, enquanto a outra, devido a ambivalência, é encaminhada à fase de sadismo. É esse sadismo que traz respostas ao enigma da tendência ao suicídio, fundada na canalização do ódio pertencente à catexia objetual desamparada.

O ato suicida é indagado e aprofundado no grau em que a conceituação freudiana não se dá por concluída. Em *Luto e melancolia* (1917), o autor assinala uma parte do eu que se põe contra a outra, causando uma ponderação crítica. Nesse momento da obra essa secção é nomeada “agente crítico” e compartilha do processo em que o sadismo é dirigido ao eu. Em seguida, na obra de Freud, o caráter sádico retrocedido para o eu produz algumas nuances, uma vez que esse “agente crítico” será mira de maiores especulações em *O Eu e o Isso* (1923).

Esse agente crítico é nomeado por Freud, de superego. É desde um conflito entre o ego e o superego que Freud (1923) assinala o sentimento de culpa consciente. É nessa tensão, que na melancolia, o ego submete-se e não se opõe ao castigo, admitindo sua culpa. A fúria do superego, na melancolia, dirige-se ao objeto contido no ego mediante identificação. O superego assume para si o sadismo dirigido para o ego.

Tendo como intuito provocar a punição, o sujeito faz o que é desaconselhável, tomando um rumo danoso que pode “arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir sua própria existência real” (FREUD, 1924, p.211).

Nesse sentido, a angústia é um afeto que surge do fato do ego se esforçar pelo prazer e buscar evitar o desprazer e, com um aumento de desprazer, emitir um sinal de angústia o que leva o sujeito procurar acabar com ela.

5 A DOR DE UMA EXISTÊNCIA INSUPORTÁVEL

O motivo pelo qual desencadeia uma crise, ou seja, um desequilíbrio, não é determinado por uma ocorrência isolada, mas sim por um conjunto de circunstâncias, pela percepção do sujeito do acontecimento e de sua capacidade ou incapacidade para conseguir lidar com aquela situação. Assim, quando um sujeito não consegue sustentar-se em contatos sociais, seus recursos pessoais se tornam falhos e a situação de crise para ele é insuportável, sendo possível que ele encontre na morte a solução para dor de sua existência (SEMINOTTI, 2006).

O sujeito que tem intenções suicidas, carrega consigo e em sua estrutura psicológica, estados emocionais negativos como culpa, vergonha, angústia, dor da perda, solidão, acompanhada de idéias de morte, onde a intenção nada mais é que dar fim a essas emoções insustentáveis e não tendo condições psicológicas de buscar ajuda profissional, vê na morte a maneira mais rápida para por fim no desprazer vivenciado. O ato suicida evidencia uma imensa ambivalência, onde o sujeito procura a morte, mas de certa forma deseja a intervenção de socorro, quando transmite sinais verbais ou comportamentais da sua intenção. É como a transmissão de que algo está errado e precisa de uma saída, mas não encontra meios para fazê-lo. Por isso o suicídio também é considerado um grito por ajuda (JUSTUS, 2003).

Kovács & Tada (2007) formularam a teoria do apego, onde se afirma que quando o sujeito se sente ameaçado pela perda, ou seja, a separação de algo, ele reage de três maneiras: primeiro, protestando e não admitindo a ausência do objeto amado, a seguir o comportamento é de desespero, por não ter mais acesso a ele, e, então o sujeito se defende e se desapega, precisando restabelecer o equilíbrio e, se não consegue utilizar esse mecanismo de defesa, estará ele sujeito a sucumbir emocionalmente.

A perda não se limita apenas à morte, mas o enfrentamento de perdas reais e simbólicas. Deste modo, uma perda pode ser vivenciada por meio de dimensões físicas e psíquicas, como elos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares do sujeito. O ingênuo ato de crescer, como o exemplo de uma criança que se torna adolescente, vem com uma bagagem dolorosa do corpo infantil e suas significações, do mesmo modo, o declínio das funções orgânicas ocorridas ao envelhecer (FREUD, 1915).

A elaboração de uma perda é um processo doloroso, que tem como características uma profunda tristeza, o afastamento de qualquer atividade que não esteja ligada ao objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição de um novo objeto de amor (FREUD, 1915).

Considerando a perda como um fator somado a outros para o suicídio, Freud (1923) conceituou que pelo menos três desejos contribuem para um ato suicida, sendo o desejo de morrer, de matar e o de ser morto. Partindo da visão psicodinâmica, o suicídio pode estar atrelado a sentimentos de dependência de um objeto perdido, como a mãe, por exemplo, como um processo de luto patológico, principalmente se tal ato ocorrer em dias de aniversário de alguém próximo ou mesmo de aniversário de morte da pessoa amada que se foi, sendo esse um dos fatores que leva a tal ato.

Confirmando essa colocação, Macedo (2007) ressalta que a angústia e o sofrimento determinados pelo superego são tão intensos, que não encontrando esperança e com o prejuízo na autoestima, o ego se vê desamparado pelo superego e se deixa morrer.

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud em alegoria com a fuga perante um perigo externo, faz considerações de grande importância para a demanda da angústia na psicanálise originando o recalque como um equivalente interno desta tentativa de fuga. O ego remove sua catexia (pré-consciente) do representante pulsional, ou objeto amado, que deve ser recalcado e utiliza esta catexia com o objetivo de liberar desprazer (dor). O desprazer associado à dor tem sua catexia extraída do representante pulsional recalcado. O ego é visto, a partir de então, como sede real desta dor.

6 DA PERDA DO OBJETO AMADO AO SUICÍDIO

Todo sujeito já nasce com uma tendência a procurar meios para suprir suas necessidades, sejam para manutenção de sua existência, seja para regulação de suas vontades e desejos, ou simplesmente para a satisfação de suas pulsões.

A finalidade de um instinto (Ziel) é sempre satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte do instinto. Mas, embora a finalidade última de cada instinto permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos conducentes à mesma finalidade última, de modo que se pode verificar que um instinto possui várias finalidades mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras (FREUD, 1915, p.128).

Freud (1929) traz ainda com relação aos objetos que proporcionam prazer que algumas das coisas difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são objetos e certos sofrimentos que se procura extirpar e mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna. Assim, acaba-se por aprender um processo através do qual, por meio de uma direção deliberada das próprias atividades sensórias e de uma ação muscular apropriada, se pode diferenciar entre o que é interno – ou seja, que pertence ao ego – e o que é externo – ou seja, que emana do mundo externo.

A priori, quando o sujeito é apenas um bebê, a busca pela satisfação de suas pulsões é sua prioridade fundamental. A relação prazer/desprazer demonstra uma primeira seleção realizada pelo bebê, ou seja, amando o objeto que lhe causa prazer em busca de incorporá-lo (origem da introjeção) ou odiando o objeto que lhe causa despreazer afastando-se dele (origem da projeção).

(...) embora o amor e o ódio se nos apresentem como completamente opostos em seu conteúdo, a relação entre ambos de modo algum é simples. Não provêm da clivagem de um elemento original comum, possuem origens diversas e cada um passou pelo seu próprio desenvolvimento antes de, sob a influência da relação prazer-desprazer, tomarem forma de opostos (FREUD, 1915, p. 160).

Ao longo da vida do sujeito, para satisfação dessa pulsão, qualquer “coisa”, se torna objeto favorável para suprir as necessidades da pulsão.

O objeto (Objekt) de um instinto é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais

variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação (FREUD, 1915, p.128).

Quando um sujeito encontra um objeto que de alguma forma diminua as tensões produzidas pela pulsão, trazendo a doçura do prazer, esse objeto passa a ser tão desejado a ponto de o sujeito não querer perdê-lo, tornando assim, um objeto amado. A perda desse objeto amado pode provocar no sujeito, sentimentos de culpa, por tê-lo perdido e esse passa a vivenciar o luto. Nesse sentido, “o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém e assim por diante” (FREUD, 1915, p.249).

Não tendo condições de encontrar um novo objeto para canalizar as pressões provocadas pela pulsão, o sujeito adentra num estado de melancolia, onde toda pulsão que antes tinha uma fonte de prazer que era externalizada, passa a ganhar forças em seu próprio eu, ou seja, volta para si.

Na melancolia, a perda desconhecida, resultará num trabalho externo semelhante, e será, portando, responsável pela inibição melancólica. A diferença consiste em que a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente (FREUD, 1915, p. 252).

Toda essa pulsão somada à dor da perda, produzem no sujeito grande angústia e sofrimento. A pulsão que antes era dirigida a um objeto amado que se perdeu, e retornou ao sujeito, agora auxilia e ganha forças na constante busca de cessar a dor que essa perda lhe causará. Consequentemente, “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é próprio ego” (FREUD, 1915 p. 252). A dor da existência se torna tão crucial, que o sujeito tem pressa em exterminá-la.

Mas como o eu fecha os olhos e consente com sua própria destruição? O eu só pode se destruir se puder tratar a si mesmo como um objeto, conduzindo contra si mesmo a oposição pautada a um objeto.

Nota-se na melancolia que o eu se destrói unicamente quando trata a si próprio como um objeto, a autodestruição é uma resposta do eu para com objetos pertencentes ao mundo externo. Observa-se que o ódio, em uma primeira ocasião, era administrado ao objeto pertencente ao mundo externo, e apenas após a ruptura

da catexia deste objeto é que o ódio volta-se para o eu, ou seja, essa autodestruição estaria sendo representada no ato suicida, quando o sujeito se identifica com o objeto perdido e tenta aniquilá-lo, destruindo a si mesmo.

METODOLOGIA

Em relação a metodologia deste trabalho, foi utilizada os métodos qualitativos, onde suas pesquisas não são mesuradas numericamente, e sim de forma abrangente e como um todo. E segundo as autoras Gerhardt; Silveira (2009) “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (p. 32).

Quanto aos procedimentos, foi através de pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, pois de acordo com Gerhardt; Silveira (2009) “para se desenvolver uma pesquisa, é indispensável selecionar o método de pesquisa a utilizar” (p. 36). Nesta perspectiva, as autoras citam ainda que “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 36).

As principais bases de dados utilizadas foram com enfoque psicanalítico tendo como principal autor as obras freudianas e artigos científicos publicados em periódicos da *Scielo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da grandeza teórica apresentada ficou clara a importância do tema suicídio no contexto atual. Como se pode constatar é um tema presente em diversos contextos. Pode-se concluir diante desta pesquisa que o suicídio se dá pela soma de diversos fatores originados no decorrer da vida do sujeito, sendo ela muitas vezes devastada, pois envolve não só o emocional do sujeito, como o fator físico através do próprio suicídio.

Neste contexto entende-se que o motivo pelo qual se desencadeia uma crise, ou seja, um desequilíbrio, não é determinado por uma única causa, mas sim pela soma

de várias circunstâncias, pela percepção do sujeito no acontecimento e de sua capacidade ou incapacidade para conseguir enfrentar a situação.

Nessa direção, Freud traz o conceito das pulsões e, de modo especial, a pulsão de morte, que é o mais pulsional da pulsão, que não tem outro objetivo se não a descarga imediata e a busca do semelhante sem reconhecimento de qualquer alteração, e que acaba sempre funcionando como modo de autodestruição ou de morte psíquica do ego.

Desse modo, no processo de luto e melancolia, a melancolia é a possível geradora da angústia e possui uma peculiaridade se comparada ao luto normal. Nela, a relação com o objeto amado não é ingênua, pois é envolvida por um conflito devido a uma ambivalência entre o amor e o ódio. Esta ou é fundamental, isto é, um elemento de toda relação amorosa formada por esse ego especial, ou deriva precisamente daquelas experiências que estiveram envolvidas na ameaça da perda do objeto.

Por essa razão, os motivos estimulantes da melancolia têm uma amplitude muito maior do que as do luto, que é, em sua maioria, resultado de uma perda real do objeto amado. Assim, o ego se degrada e se enfurece contra si mesmo, chegando até mesmo a matar-se, como no suicídio.

Tal perda causa ao ego grande desprazer, onde em função de sua inabilidade de defesa, a busca é pelo fim desse desprazer e é onde a morte por ser mais rápida é vista como forma mais eficaz para por fim à dor de toda sua existência.

Pode-se perceber que o que é indescritível nesse sofrimento é a angústia resultante da perda de algo que se amava e proporcionava prazer. Procura-se fugir desse sofrimento desmedido. Existe angústia quando a vida é ameaçada, por isso, Freud se pergunta sobre como o ego é capaz de se aniquilar dado seu grande amor por si e adverte que, quando identificado ao objeto, o ego pode cometer delitos contra si próprio, até mesmo matar-se.

Segundo Cassorla, ele “está tentando escapar de uma situação de sofrimento que chega às fronteiras do insuportável. Esse é, geralmente, indescritível com o vocabulário que temos” (CASSORLA, 1991, p.21).

Freud expõe essa afirmação ao citar a teoria pulsional e a identificação com o objeto quando cita o suicídio do melancólico onde a melancolia se caracteriza por ser puramente rica em pulsão de morte, tendo êxito em impulsionar o ego à morte propriamente dita. Freud também indica a questão melancólica quando afirma que “a

apresentação (da coisa) inconsciente do objeto foi abandonada pela libido” (FREUD, 1917, p.289).

A representação do objeto foi abandonada pela libido e se coloca sobre o ego. Tal objeto agora habita no ego, não existe resto, não existe causa de desejo onde o sujeito é tomado de angústia sem poder representá-la.

Dessa forma, o suicídio pode ser visto como um movimento diante da angústia, um desejo latente de “sair de cena”, um peregrinar do sujeito em direção ao escape da cena, numa ‘queda’, como ato instantâneo que impede qualquer representação para o sujeito.

A partir do objetivo proposto de se analisar a angústia vivenciada pelo sujeito que procura na morte a solução para o fim de seu martírio, podemos apontar a relação desse sujeito com o outro como sendo o objeto amado, relação essa que permite a compreensão sobre a angústia quando a falta vem a faltar, ou simplesmente perde-se.

Portanto, a articulação proposta se dá por vias do objeto desejado, arquitetando no suicídio, tentativas de descargas que se produzem perante a angústia, o qual não pode ser apresentado verbalmente. Aquele que busca o suicídio distingue isto que está para além do que pode ser dito por palavras.

Argumenta-se que esse é um tema complexo e não se consome aqui, sendo necessárias mais pesquisas para melhor exploração e conhecimento das configurações do suicídio e suas estruturas emocionais.

REFERÊNCIAS

CASSORLA, R. M. S. **Do suicídio**: estudos brasileiros. Campinas: Editora: Papyrus, 1991.

DIAS, Maria Luiza. (1991) **Suicídio**: Testemunhos de adeus. São Paulo: Editora Brasiliense.

DURKHEIM, Émile. **O SUICÍDIO**. Estudo de Sociologia. 1.858 – 1.917. LIVRARIA Ed.: MARTINS FONTES. 2000.

FREUD, Sigmund, [1917], em **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Edição Standart Brasileira, v XVI, (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund, [1916/1915], em **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Edição Standart Brasileira, v XVI, (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996k.

FREUD, Sigmund, [1923/1924], em **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Edição Standart Brasileira, v XIX, (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund, [1926], em **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Edição Standart Brasileira, v XX, (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

FREUD, Sigmund, [1919/1920], em **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Edição Standart Brasileira, v XIX, (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

FREUD, Sigmund, [1929/1930], em **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Edição Standart Brasileira, v XXI, (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JUSTUS, Daisy. (2003) **O suicídio nosso de cada dia**. Estudos Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro.

KALINA, Eduardo; KOVADLOFF, Santiago. **As cerimônias da destruição**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983. 172 p.

KOVÁCS, M.J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992

KOVÁCS, M.J. & TADA, I. N. **Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência**. Brasília, 2007.

LOWEN, Alexander. **Medo da vida**: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. Ed. Summus, 1986. 254 p

MACEDO, Mônica M. K. **Dor e Ato**: O olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. Rio de Janeiro: Ágora, 2007.

OPAS - Organização Panamericana da Saúde. **Levantamento bibliográfico sobre os temas**: Suicídio, sobreviventes, família. 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **A cada três segundos ocorre um suicídio no mundo**/Arma em casa é situação de risco/Sentimentos contraditórios/Registros oficiais de casos não são confiáveis. Paraná, 2015.

PALHARES, Patrícia Almeida; BAHLS, Saint-Clair. **O suicídio nas civilizações: uma retomada histórica**. 2003.

QUEVEDO, J. KAPCZINSKI, F, SCHMITT, E. **Emergências Psiquiátricas**. Ed. Artmed. 2008. 439 p.

SEMINOTTI, Elisa P., PARANHOS, Mariana E., THIERS, Valéria de O. **Intervenção em crise e suicídio: análise de artigos indexados**. Rio Grande do Sul, 2006.

SHIKIDA, C.D.; GAZZI, R.V.A. & ARAUJO Jr., **Teoria Econômica do Suicídio: Estudo Empírico para o Brasil**. 2006.

SILVA, V. P.; BOEMER, M. R. - O suicídio em seu mostrar-se a profissionais de saúde. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 2004.

